

Começa o mês de março e com ele, após a pausa prolongada das férias e o período de carnaval, as exposições de artes plásticas aumentam em número e importância, trazendo várias mostras individuais, que substituem as exposições de acervo das galerias, que dominaram em janeiro e fevereiro. Neste início de semana, entre

outros destaques, pelo menos três artistas nacionais conseguem apresentar exposições significativas. É uma coletiva apresentada pelo Instituto Goethe, trazendo reproduções das novas formas de realismo na pintura da Alemanha Ocidental, e outro destaque desta semana no panorama das artes plásticas em São Paulo.

Sérgio Camargo é, reconhecidamente, um dos mais importantes escultores que seguem a linguagem do construtivismo no Brasil. Daí o interesse pela exposição de 20 esculturas inéditas que ele apresenta no Gabinete de Arte, todas esculpidas pelo próprio artista carioca, que nos últimos anos tem trabalhado, além do mármore bran-

co de Carrara, também com pedras negras, procurando contrapor reflexos e concentração de luz. Já na Paulo Figueiredo Galeria de Arte, o fotógrafo Leonardo Crescenti Neto mostra 27 painéis fotográficos, todos resultado de uma pesquisa que há anos ele vem levando junto às paredes das casas de São Paulo, "tirando-as de seu contexto".

As novas formas do realismo na pintura da Alemanha Ocidental estão presentes numa exposição que traz reproduções de 82 obras de 26 artistas desse país, no Instituto Goethe. Esse movimento foi considerado, nos anos 60 e 70, um verdadeiro "renascimento" da pintura alemã neste século. É o artista pernambucano Maca-

parana apresentando Alvos trabalhos e esculturas nos últimos anos do mostrar evolução para trás e curando a vismo.



No Gabinete de Arte, esculturas de Sérgio de Camargo

O equilíbrio entre a luz e o espaço em esculturas

Com uma exposição de 20 esculturas inéditas de Sérgio de Camargo, o Gabinete de Arte (avenida Nove de Julho, 5.719) inaugura hoje, às 21 horas, as suas atividades do ano. Segundo a galeria, a escolha de um dos maiores artistas construtivos da atualidade é, ao mesmo tempo que a mais acertada para a abertura dos trabalhos do ano, também a continuidade de uma aliança traçada há vários anos entre o escultor carioca e o espaço paulista. Outra nota interessante na mostra é que o Gabinete de Arte estará exibindo o vídeo "Sérgio de Camargo/Esculturas", dirigido por Murilo Salles, com fotografia de Gustavo Habba, numa produção do Rio-Arte. Segundo Salles, o vídeo — de 22 minutos — "é a materialização de um exercício de perceber a 'lógica do acaso', fenômeno essencial na produção de Sérgio de Camargo".

As esculturas da exposição foram rigorosamente selecionadas pelo artista. Sete são em pedra negra belga e 13 em mármore de Carrara branco. Sobre a mostra em si, o artista, que é de pouco falar, realça a inexistência de sentido imediato na obra de arte: "Suspeito que as esculturas sejam entidades estranhas, cuja pertinência só a elas pertence".

"Toda pedra tem uma pele", diz ele, quando o espectador se encanta com a dubiedade diante do negro que se transmuta de pedra em aço ou do branco que se confunde com o gesso. "Nada é intencional — justifica —, mas essa dubiedade se dá porque o tratamento da pedra não é convencional." Outra questão inevitável perante as esculturas de Camargo: formas ou estruturas? "Não são formas — adverte o artista —, são estruturas. Ou melhor, estruturas das quais resultam formas. E elas se fazem sozinhas. Eu apenas observo. Talvez inatas, essas estruturas deriverem de suas próprias anterioridades

ou interioridades, como aprover. A matéria que empreguei e o seu traço me parecem adequados. Foram executadas com perfeição por mestres, operários-amigos do meu trabalho, sob minha orientação direta. São só o que sabem ser."

Sérgio de Camargo mantém um ateliê no centro de uma marmoraria em Carrara, na Itália, e outro em sua fazenda de Jacarepaguá, no Rio. Respeitado internacionalmente, é hoje artista exclusivo na Europa e nos Estados Unidos da galeria Gimpel Fils, com matriz em Londres e filiais em Nova York e Zurique. Durante 20 anos ele trabalhou com o mármore branco, que irradia os reflexos da luz. Aí, quase por acidente — "recebi a encomenda de fazer um jogo de xadrez, há alguns anos" —, experimentou a pedra negra, que, ao contrário da branca, concentra a intensidade da forma. Então passou a trabalhar também pela oposição das cores, e, como já acontece há tempos em sua carreira, alguns críticos e especialistas vibraram. Em setembro de 1983, no mesmo Gabinete de Arte, uma mostra de suas esculturas negras levou a crítica Sheila Leirner, de O Estado, a uma profunda avaliação do trabalho, que culminou com um veredito muito favorável ao artista. Para Sheila, a arte de Camargo é "tradicional, limpa; uma bela obra harmônica. Deliberadamente bela e autoconceituosa, como a de um Henry Moore". Coerente com sua obstinada dialética, sua obra, inspirada na lógica, é por si o resultado de uma calculada tensão que busca o equilíbrio entre a ordem e a desordem, luz e espaço, sempre no infindável jogo dos opostos.

A exposição que será inaugurada hoje fica aberta ao público até 5 de abril, podendo ser apreciada de segunda a sexta-feira, das 10 às 20 horas.

arte contemporânea